

Projeto Asa Branca: Música e interdisciplinaridade

Comunicação

*Monique Magalhães Leitão
Universidade Federal de Juiz de Fora
nickieleitao@gmail.com*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre um projeto interdisciplinar envolvendo Música, Artes Visuais e Teatro intitulado “Asa Branca”. Este projeto foi desenvolvido no ano de 2013 em uma escola pública de tempo integral, a Escola Municipal Bom Pastor na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, e as reflexões visam verificar se, em meio aos diálogos interdisciplinares, a autonomia da Música foi mantida; além de identificar como suas especificidades foram trabalhadas dentro desse projeto. Os resultados mostraram que não só a Música manteve sua autonomia dentro do projeto, além dos diálogos interdisciplinares promovidos, como o projeto também estabeleceu um diálogo maior entre a comunidade escolar, além de trocas e integração entre professores e alunos de forma prazerosa e marcante.

Palavras-chaves: Música. Interdisciplinaridade. Educação musical.

Introdução

Atualmente, à procura de um trabalho diferenciado nas escolas, a interdisciplinaridade tem sido o objetivo das atividades desenvolvidas pelas instituições de ensino e, através dela e de abordagens metodológicas que viabilizem a sua prática, buscam-se formas que auxiliem na aprendizagem de forma significativa.

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre um projeto interdisciplinar envolvendo Música, Artes Visuais e Teatro intitulado “Asa Branca” que foi desenvolvido no ano de 2013 em uma escola pública de tempo integral, a Escola Municipal Bom Pastor na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, e mostrar que, em meio aos diálogos interdisciplinares, a autonomia da Música foi mantida, além de identificar como suas especificidades foram desenvolvidas dentro desse projeto.

Nesta escola, a música assume o papel como disciplina, não sendo somente conteúdo do componente curricular Artes na educação básica. Os professores que lecionam a disciplina Música no município de Juiz de Fora devem ter formação específica na área.

Música e interdisciplinaridade

Depois de pesquisar sobre a interdisciplinaridade, o termo revelou-se bem polivalente. Muitas observações também foram levantadas na literatura em relação ao uso do conceito de forma excessiva e banalizada, tanto no universo pedagógico, quanto no midiático, empresarial e tecnológico, por exemplo.

Pombo (1993, p.10) ilustra esta multiplicidade de definições apresentando as propostas de Jean Luc Marion (1978), Piaget (1972) e Palmade (1979): O primeiro define a interdisciplinaridade como “cooperação de várias disciplinas no exame de um mesmo objeto”. Já para Piaget (1972), interdisciplinaridade é “o intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas [tendo] como resultado um enriquecimento recíproco”. Palmade (1979), por sua vez, propõe que a interdisciplinaridade seja entendida como a “integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um setor do saber”.

Percebe-se que, em comum, as definições enfocam o diálogo entre disciplinas. Esta organização disciplinar

(...) foi instituída no século XIX, notadamente com a formação das universidades modernas; desenvolveu-se, depois, no século XX, com o impulso dado à pesquisa científica; isto significa que as disciplinas têm uma história: nascimento, institucionalização, evolução, esgotamento, etc; essa história está inscrita na da Universidade, que, por sua vez, está inscrita na história da sociedade; (MORIN, 2002, p. 105)

Segundo Heinz Heckhausen (apud FAZENDA, 1979, p. 29), disciplina é uma exploração científica especializada, caracterizada pelo domínio material, domínio dos estudos, nível de integração teórica, métodos, instrumentos de análise, aplicações práticas e contingências históricas. Além de ser impossível a um profissional dominar tais características referentes às várias disciplinas, ainda traz um caráter formal de ensino, o que acaba dificultando o aprendizado, limita muito na construção de conexões entre conceitos e fatos, não estimulando o desenvolvimento da inteligência e nem a vontade de resolver problemas.

Todavia, Morin (2000, p. 45) comenta que “[o] parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender o que está tecido junto”.

A interdisciplinaridade surgiu com a necessidade de mudar isso, trazendo propostas de caráter experimental e inovador. Em um projeto interdisciplinar, é necessário discutir o papel de cada disciplina envolvida, tanto na sua estrutura como na sua intencionalidade dentro do currículo escolar, para que haja entendimento que a interdisciplinaridade é mais que a integração dos conteúdos:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 1999, p. 89)

A proposta interdisciplinar, portanto, tem como objetivo facilitar a absorção dos conteúdos traçando planos de ligações entre conteúdos, complementação, convergência, interconexões e passagens entre os conhecimentos. A educação deve romper com as fragmentações e mostrar as correlações entre os saberes na formação do indivíduo. Caso contrário, torna-se ineficiente diante da complexidade da vida, já que nossa realidade é global.

Embora não haja sentido único e preciso em relação à interdisciplinaridade, mesmo com todo enfoque que ela recebe, há uma compreensão comum de que há a necessidade de relação entre os sentidos e significados na busca do conhecimento e saberes. A interdisciplinaridade surge pela exigência de se criar um novo método de analisar o mundo já que as disciplinas isoladas não conseguiam mais responder de forma satisfatória aos problemas da sociedade contemporânea.

Um trabalho interdisciplinar, antes de garantir associação temática entre diferentes disciplinas – ação possível, mas não imprescindível –, deve buscar unidade em termos de prática docente, ou seja, independentemente dos temas/assuntos tratados em cada disciplina isoladamente. Em nossa proposta, essa prática docente comum está centrada no trabalho permanentemente voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades, apoiado na associação ensino–pesquisa e no trabalho com diferentes fontes expressas em diferentes linguagens, que comportem diferentes interpretações sobre os temas/assuntos trabalhados em sala de

aula. Portanto, esses são os fatores que dão unidade ao trabalho das diferentes disciplinas, e não a associação das mesmas em torno de temas supostamente comuns a todas elas. (BRASIL, 2002b, p. 21-22).

A interdisciplinaridade propõe como forma de trabalho o desenvolvimento de um tema envolvendo várias disciplinas, compreendendo e entendendo as partes de ligação entre essas diferentes áreas, unindo-se para transpor algo inovador, trazendo saber, resgatando possibilidades, ultrapassando o pensamento fragmentado. É uma busca constante pela investigação e superação. Tem como objetivos construir uma escola mais participativa, formadora de indivíduos socialmente ativos e transformadores, promover interação com o modo de ver e sentir o mundo, de estar nele, de perceber, analisar acontecimentos e fenômenos nas dimensões sociais, naturais e culturais. Promove a capacidade de ver o mundo em sua complexidade.

Segundo Fazenda (2002, p.18), o que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir. Por isso, o professor deve também ser um pesquisador com alto grau de comprometimento com a aprendizagem dos alunos, buscando sempre novos meios e procedimentos para a transmissão do saber.

Desde sua origem, a Música marca presença como elemento essencial para a formação integral do indivíduo e, na área de pesquisa, muitas possibilidades de investigações interdisciplinares vêm sendo apresentadas.

Não poderíamos falar de uma prática musical interdisciplinar que não pensasse a música sob essa ótica. Sendo assim, problemas importantes da sociedade passariam a gerir as pesquisas musicais interdisciplinares, quais sejam: a inclusão do ensino musical na formação integral do indivíduo; ensino musical voltado para todas as faixas etárias e sociais em seus diversos escalões e nas suas múltiplas aplicabilidades; a projeção de um ensino musical que considere de forma integrada, o trabalho, a sociedade e a cultura; o estudo comparativo de nossos saberes musicais com o saber musical de outras comunidades como um processo de valorização da nossa cultura; o ensino musical previsto nos projetos sociais; a análise e inclusão de parcerias direcionadas para o ensino musical; um olhar voltado para as práticas musicais como possibilidade de criação de novos conhecimentos na área; a análise atenta das relações entre a formação do professor e o contexto cultural em que ela intervém; o estudo atento do cotidiano escolar sob uma perspectiva de melhoria do ensino musical; a implantação da pesquisa em todos os setores de ensino musical como projeto social de produção de conhecimento, entre outros. Sob esse crivo, novos valores

seriam agregados à pedagogia musical, trazendo modificações profundas para a área. (LIMA, 2007, p.63)

Sendo assim, através da interdisciplinaridade, a prática, pesquisa e ensino da música, os saberes e fazeres extramusicais sob a ótica musical poderão construir e renovar conhecimentos e práticas musicais.

A Música tem ganhado mais espaço na Educação Escolar e muitos trabalhos e debates estão sendo feitos na área mostrando o seu valor na formação dos alunos e formas de desenvolver seus conteúdos dentro dos níveis de escolarização. Porém, a área ainda sofre com a falta de um currículo bem definido e com a carência de professores com formação superior para lecionar, o que é exigência da lei 9394/96, a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil.

Muitos questionamentos são levantados em relação à música como componente curricular: aprender e ensinar música para que, por que, por quem? Quais saberes são necessários à profissionalização do professor de música? Nesse contexto, torna-se necessário observar e compreender como as escolas estão conseguindo superar esses obstáculos de modo a permitir com que a música se torne um conteúdo lecionado apenas como apoio e suporte a outras disciplinas principalmente quando desenvolvida em conjunto/diálogo com elas. Inserir música na estrutura curricular da educação básica como área de conhecimento requer muitas transformações importantes, tanto na reorganização curricular como na formação de novas identidades para sujeitos, instituições e entidades que tenham comprometimento com a educação musical qualificada. Porém, o delineamento das particularidades da educação musical se constitui legítimo quando a área se situar reflexivamente em relação a si mesma e aos outros campos escolares, pois seus saberes particulares podem trazer grandes benefícios na formação de indivíduos.

A música é importante na escola justamente porque ela é “inútil”. Porque, assim como a pintura e as outras formas de arte, ela não tem funcionalidade, ela se diferencia do apetrecho [...] ou dos objetos repletos de utilidade com que travamos contato no nosso cotidiano. É essa “inutilidade”, ou seja, o valor estético e artístico da música, que os alunos devem experimentar e conhecer. Quando a música assume uma função na forma de “música para melhorar o comportamento”, “música para aumentar a inteligência”, “música para desenvolver a coordenação motora”, a música deixa de ser música, deixa de ser arte, e se torna

simplesmente uma coisa utilitária, como as demais que nos cercam (CAREGNATO, 2013, p. 110).

Independente de qual aspecto falemos da música, seja ela como linguagem, ela destituída de funcionalidade, ou compromisso com a formação musical do indivíduo, uma coisa é certa: sua importância está no fato dela ser fundamental e inerente à vida de qualquer indivíduo.

É nesta perspectiva que busco, neste texto, relatar a experiência com um projeto interdisciplinar envolvendo a música e as demais linguagens artísticas numa escola de educação básica de Juiz de Fora – MG. Compreendendo sua importância como área de conhecimento na formação dos indivíduos, procuro ressaltar, neste relato, como o trabalho com música no Projeto Asa Branca buscou o diálogo interdisciplinar consistente, sem permitir sua subutilização como ornamento ou ferramenta para a aquisição de outros conhecimentos.

O Projeto Asa Branca

Durante 5 anos trabalhei na Escola Municipal Bom Pastor, escola pública de período integral na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, onde lecionei Música para turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental. 2013 foi meu primeiro ano nesta escola, quando comecei a ter contato com a Interdisciplinaridade. Apesar dos trabalhos interdisciplinares serem ainda um pouco tímidos, os professores buscavam desenvolvê-los em conjunto através de ideias, temas e propostas feitas nas reuniões pedagógicas. Foi em uma reunião do início do ano que a direção da escola procurou a professora de Artes Visuais para que ela pensasse em algum projeto interdisciplinar. Este projeto deveria ser apresentado na Mostra Estudantil que a Secretaria de Educação organizava todos os anos para as escolas municipais poderem mostrar seus trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo. Poderia ser dança, teatro, exposições, música. Desse pedido surgiu o projeto “Asa Branca”, envolvendo a Professora de Artes Visuais, a de Teatro e a mim, na Música.

Durante o ano, a escola desenvolveu com todas as turmas e disciplinas o projeto “Brasil de todas as cores e sabores”, que tinha como objetivo desenvolver nossos conteúdos baseado na cultura de uma ou mais regiões do Brasil. Foi a partir dele que a professora de Artes Visuais pensou na ideia de desenvolver algo que retratasse o nordeste brasileiro tendo a música “Asa Branca” de Luís Gonzaga como ponto de partida. Além da letra e música ilustrarem bem a cultura nordestina, tanto em relação à sua cultura quanto à sua religiosidade, realidade política e social, ela também evocou uma exposição que a professora

havia visitado em 2008 do artista contemporâneo Nuno Ramos, que também tinha como título “Asa branca”. Ela ficou pensando por um tempo nesta exposição procurando ligar o trabalho visual desta aos versos da música, buscando na linguagem e na diversidade de materiais utilizados para suas composições as ideias para se desenvolver o nosso. Em agosto, depois das férias escolares, a professora de Artes Visuais chegou com a proposta de fazermos uma produção artística que trabalhasse os elementos naturais muito presentes na obra de Nuno, como água, fogo, terra, e usá-los para a representação do Nordeste, explorando sons, tanto das palavras como de movimentos, cada uma pensando na sua área e linguagem. A partir disso, como desenvolver o projeto sem que a Música perdesse sua autonomia, dialogando com as demais linguagens mas sem fugir muito do planejamento e trabalhar o aprendizado de seus conteúdos?

Tínhamos aproximadamente 2 meses para elaborar e desenvolver o projeto com os alunos. As turmas escolhidas para desenvolvê-lo foram 3º, 4º e 5º anos, o que somava 52 alunos. Como professora de música, fiquei responsável em construir instrumentos sonoros com sucata para serem utilizados no projeto, desenvolver com os alunos o ritmo do baião e também a parte de paisagem sonora utilizando tanto os instrumentos confeccionados quanto a voz, o corpo e instrumentos característicos do baião que tínhamos acesso na escola como triângulos, agogôs, tambores e pau de chuva.

A professora de Teatro ficou responsável para elaboração da representação através de movimentos e expressão corporal pensando em etapas: a seca e a terra rachada no plano baixo, o movimento de “brotar” no plano médio, o trabalho com a enxada no solo no plano alto. Foram colocados muitos gestos ritmados, pensando no tempo de reprodução deles, espaço e também na parte estética desses movimentos. Algumas aulas aconteceram em conjunto com as minhas para que pudéssemos pensar e ter ideias em conjunto, ciar e conseguir sincronizar a parte sonora com a movimentação corporal.

Paralelamente às aulas de Música e Teatro, a professora de Artes Visuais desenvolveu o trabalho com os alunos do 3º ao 5º ano apresentando a eles as obras significativas de Nuno Ramos, contextualizando as suas práticas artísticas dentro do discurso contemporâneo, ressaltando a importância dos estados da matéria, o acúmulo, como também do uso da palavra/som/imagem. Também desenvolveu os conceitos da pintura matéria com os elementos que compõem a música de Luiz Gonzaga - a terra e água. Suas

atividades consistiram em explorar o entorno da escola em busca de variação de cores da terra, trabalhar com o barro seco e também em seu estado líquido e temperatura. Explorou a linguagem pictórica através da aquarela, utilizando o barro como matéria. Como produção final, criou com eles painéis em suportes variados, como tecido, papéis ou lonas e um deles foi criado para compor o cenário da apresentação do Projeto.

Nas aulas de música desenvolvidas com os alunos confeccionamos instrumentos com sucata pensando nos sons que eles proporcionariam, nos timbres, na duração e intensidade, quais eram mais agudos, quais ficaram mais graves. A partir da construção destes instrumentos, experimentamos como poderíamos representar o nordeste tanto em relação à sua música, nas fases climáticas, na ideia que eles alunos tinham da região. Utilizamos os instrumentos, voz e corpo para criar o som da chuva, do trabalho na terra, da representação da fome e abundância, criando sua paisagem sonora a partir das características dos sons em relação à altura, duração, intensidade e timbre, pensando nas sensações que eles causavam. Também ouvimos e apreciamos músicas que tinham o ritmo do baião, tentando reconhecer os instrumentos utilizados e reproduzir o ritmo com os instrumentos que tínhamos. Dessa maneira, a música não só teve seus conteúdos apresentados e absorvidos de forma prazerosa como também desenvolveu a expressão, a reflexão sobre o mundo e parte dele, a criação, a comunicação e o saber estético e artístico.

Algumas aulas foram desenvolvidas em conjunto, ou com a professora de Teatro, ou com a professora de Artes Visuais. Juntávamos as turmas e elaborávamos atividades usando as várias linguagens, principalmente nas primeiras aulas, quando as ideias ainda estavam começando a tomar formas. Eu e a professora de Teatro elaboramos muitas atividades baseadas na Metodologia Dalcroze- a Eúritmia, com o objetivo de desenvolver o sentido muscular de tempo e espaço, facilitando aos alunos a experimentação pessoal das relações estéticas entre movimento e tempo (ritmo corporal), movimento e espaço (forma espacial) e desenvolvimento da expressão corporal. Os alunos se revezavam tocando e se expressando através do corpo do que estava sendo tocado, explorando os planos e segmentos corporais, os sons e seus parâmetros.

O objetivo de todos os exercícios em euritmica é fortalecer o poder da concentração, acostumar o corpo a se sustentar, como se estivesse em alta

pressão, em prontidão para executar ordens do cérebro, conectar o consciente com o subconsciente, e aumentar as faculdades subconscientes com os frutos de uma cultura especialmente desenhada para este propósito. E, além disso, estes exercícios tendem a criar mais e numerosos movimentos habituais e novos reflexos, para obter o máximo de efeito com o mínimo de esforço, e então purificar o espírito, fortalecer a força de vontade, e instalar ordem e clareza no organismo (DALCROZE, 1921, p. 118).

As atividades baseadas na Eurytmia desenvolvidas nas aulas foram bastante importantes para a criação e representação da paisagem sonora pretendida.

As aulas desenvolvidas junto com a Professora de Artes Visuais tinham enfoque na observação: os alunos que vivenciavam o barro observavam o desenvolvimento da expressão corporal ou musical do outro grupo de alunos que dividia o mesmo espaço e vice-versa. A construção do trabalho de um grupo afetava a construção do trabalho do outro.

A elaboração do roteiro foi feita a partir das vivências nas aulas e de sugestões e ideias vindas dos próprios alunos durante todo o processo, desde as definições do que cada um faria até o figurino escolhido.

A apresentação foi uma grande experiência para os alunos. Nenhum dos alunos havia feito alguma apresentação fora do contexto da escola e/ou ido a algum teatro. Além de poderem se expressar, também puderam ter a oportunidade de ver apresentações de outros alunos. Essa experiência foi tema de muitas aulas seguintes, muitos relatos e conversas sobre ela. Participar da construção de um projeto fez com que desenvolvessem um olhar crítico, não só de si mesmos, mas também de trabalhos alheios, despertando a curiosidade e vontade de fazerem e participarem de outros mais.

Notas Finais

Santomé (1998) enfatiza a necessidade de compararmos todas as contribuições e avaliarmos a adequação, relevância e adaptabilidade de um projeto interdisciplinar.

O desenvolvimento do Projeto Asa Branca trouxe muitos desafios para nós os professores envolvidos diretamente nele, como também para toda a escola. O 1º desafio foi de fazê-lo ser aceito. Apesar de a escola promover a interdisciplinaridade em seu currículo, muitos professores ainda não estavam acostumados a desenvolver trabalhos assim, inclusive a direção, que ainda estava presa a modelos prontos ou pré-moldados.

Colocar o projeto no papel e elaborá-lo também foi um grande desafio. Apesar de termos acesso a artigos e pesquisas sobre interdisciplinaridade, estes eram mais voltados para experiências contadas de outros professores e eram muito poucos na nossa área. A ideia foi se desenvolvendo durante as experimentações com os alunos, com erros e acertos, até tomar uma forma mais concreta.

A adaptação do projeto aos espaços e tempos da escola foi feita de forma gradativa. Se a aceitação do projeto foi um desafio, veio a preocupação com as experimentações nos espaços que tínhamos acesso, que eram poucos e inadequados. Tivemos que modificar a rotina na escola muitas vezes tanto em relação a esses espaços quanto ao tempo e, apesar disso, a aceitação por parte dos outros professores, coordenação e direção foi boa e houve colaboração. A escola se adaptou ao projeto por um período de tempo.

A falta de recursos foi outro desafio, o que é muito recorrente nas escolas públicas. Tivemos que adaptar nosso projeto à verba que tínhamos, usar o máximo possível de materiais baratos e também conseguir verba para o ônibus que levaria os alunos ao teatro, já que isso não era fornecido pela Secretaria de Educação.

O desenvolvimento do Projeto Asa Branca tinha como principal objetivo ser interdisciplinar, ser desenvolvido de modo que todas as Artes, seus conteúdos e os alunos fossem protagonistas, sem que uma linguagem se sobrepusesse à outra, tendo seus conteúdos desenvolvidos de acordo com planejamento e o projeto sendo uma ferramenta para esse desenvolvimento. Desta forma, percebo que o objetivo foi alcançado.

Em relação ao conteúdo da Música desenvolvido no projeto, foram trabalhados os diversos conceitos que a envolvem e também seus elementos - ritmo, melodia, harmonia - os sons e suas características - como a exploração de timbres, intensidade, densidade, altura e duração - tudo de forma prática e criativa, através da experimentação, desenvolvendo o sentido rítmico e a compreensão da música como linguagem expressiva dotada de sentido. Além disso, trabalhou-se também o saber expressar-se e representar algo através dela, sempre em diálogo com a contextualização no tema proposto no projeto, e com as práticas propostas pelas outras linguagens artísticas ali reunidas. Sendo assim, o conteúdo da Música desenvolveu-se de forma tanto autônoma quanto colaborativa com as demais envolvidas.

Manter a autonomia da sua área é muito importante, mesmo que no desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar. Caso contrário, seus conteúdos não serão

desenvolvidos e sim usados somente como suporte ou ilustração. Devo ressaltar que a formação específica na área de atuação de cada professora fez muita diferença na elaboração e prática deste projeto, o que resultou em muitos resultados positivos. Podemos desenvolver e falar sobre nossos conteúdos com mais propriedade.

Percebemos que o trabalho interdisciplinar feito desta forma é bem mais aproveitado pelos alunos. A introjeção de conhecimento é mais rápida e as experiências vividas são mais marcantes. Muitas delas foram lembradas pelos alunos em várias situações e contextos diferentes nos anos seguintes, ou sobre algum conteúdo similar, ou em alguma atividade que remetesse à forma com que aprenderam no Projeto. Além disso, promoveu o diálogo não somente entre professores e alunos, mas também entre direção e coordenação, estabelecendo envolvimento entre todos, propiciando trocas e integração, objetivos da interdisciplinaridade.

Ainda em tempo:

A interdisciplinaridade é um objetivo nunca completamente alcançado e por isso deve ser permanentemente buscado. Não é apenas uma proposta teórica, mas sobretudo uma prática. (SANTOMÉ, 1998, p.66)

O Projeto Asa Branca foi um grande aprendizado sobre trabalho interdisciplinar, dando experiência para futuros projetos e criando a vontade de desenvolver muitos outros projetos desta forma. Foi uma experiência formativa para mim, como professora, e também para a própria escola, que precisou acomodar-se às necessidades do projeto.

Espero, com esse trabalho, poder contribuir tanto para estudos e pesquisas sobre a interdisciplinaridade em qualquer área e também para estudos na área da educação musical.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providencias. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 19 de Novembro de 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2002a.

CAREGNATO, Caroline. Revisitando justificativas para a educação musical: uma discussão sobre o ensino de música focado no desenvolvimento extramusical. *Revista Música Hodie*, v.13, n. 2, p. 99-114, 2013.

DA SILVA, Jaqueline Oliveira. Análise do discurso da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Disponível em:

https://www.academia.edu/23167370/AN%C3%81LISE_DO_DISCURSO_NA_M%C3%9ASICA_A_ASA_BRANCA_DE_LUIZ_GONZAGA_E. Acesso em 23 de Abril de 2019

DALCROZE, Emile Jaques. *Le Rythme, a musique et l'éducation*. Paris, França: Jobin e Cie, 1921.

FAZENDA, Ivani A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola. 1979.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade – um projeto em parceria*. São Paulo. Ed Loyola, 2002.

LIMA, Sonia Albano de. Interdisciplinaridade: Uma prioridade para o ensino musical. v. 7, nº 1, São Paulo. *Música Hodie*, 2007, p. 51-65. ISSN 1676-3939.

MARION, Jean-Luc 1978. *A Interdisciplinaridade como questão para a Filosofia*. Presença Filosófica. 1978; IV (1): 15-27.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita. Repensar a reforma repensar o pensamento*. 6 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2002.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PALMADE, G. *Interdisciplinaridade e Ideologias*, Madrid: Narcea, 1979.

PIAGET, J. L. Épistémologie des Relations Interdisciplinaires. In : CERI, *L'Interdisciplinarité. Problèmes d'Enseignement et de Recherche dans les universités*. Paris: OCDE, 131-144, 1972

POMBO, O. Interdisciplinaridade: conceito, problema e perspectiva. In: *Pombo, O. A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa, 1993, Universidade de Lisboa.

RAMOS, Nuno. Asa Branca. Disponível em:

<http://www.nunoramos.com.br/portu/menu_serie.asp?cod_Artista=108>. Acesso em 23 de Abril de 2019.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Ed Artes Médicas, 1998.